

DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v16i31.6046>

QUEM CUIDA DE QUEM CUIDA? A DOULAGEM COMO PRÁTICA INSURGENTE PARA UM MATERNAR ANTI RACISTA E DECOLONIAL

*Who takes care of those who care? Doula services as an insurgent practice for anti-racist
and decolonial motherhood*

Marluce Cristina Araújo Silva¹
Natália Wulff Fetter²
Thaissa de Oliveira Scerne³

RESUMO

Diante dos inúmeros desafios exigidos ao exercermos nossas maternidades mulheres- mães, são colocadas a margem de seus direitos, precisando se encaixarem nos moldes ditados por uma sociedade patriarcal e capitalista, no que tange os processos de gestar- parir-nascer-cuidar. O presente artigo objetiva analisar e refletir a dinâmica do maternar como ato político, bem como, o trabalho realizado pelas Doulas em consonância com esta dinâmica e sua interseccionalidade. Buscaremos, estabelecer conexões com as Micropolíticas e suas Práticas Insurgentes, conceito este que concebe o exercício e o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, sempre na tentativa de analisar cada saber, corpo e objeto, e sua produção de realidade, a partir das relações de poder. Por *Práticas Insurgentes*, abordaremos a doulagem⁴, função a qual nasce de uma legitimidade que transcende a percepção dos modos de gestar-parir-nascer-cuidar, ressaltando como as Doulas⁵ são

¹ Mulher-mãe e Doula há 10 anos e sócia fundadora da ADOUPA-Associação de Doulas do Pará. Mestra em Artes pelo Programa de Pós Graduação PPGARTES/UFPA, Professora de Teatro formada em Licenciatura em Teatro pela ETDUFPA- Escola de Teatro e Dança da UFPA, com Especialização na Arte de Contar Histórias pela FCC- Faculdade Conhecimento e Ciência, e Educadora Popular pela Escola Sócio ambiental do CAC-Centro Alternativo de Cultura/2019. E-mail: mardeluz26@gmail.com

² Mulher-mãe e Doula, membro da Federação Nacional de Doulas do Brasil e da ADOSUL- Associação de Doulas do Rio Grande do Sul. Mestra em Economia pela UNISINOS, Especialista em Relações Internacionais pela ESPM/RS, graduada em Administração com habilitação em Comércio Exterior pela UNISINOS Doula formada pela ANDO (2016) e pelo IFG campus Anápolis (2021), onde também atua como formadora no curso de formação de doulas. E-mail: nataliafetter@gmail.com

³ Mulher-mãe, avó e Doula e Educadora Perinatal desde 2022, Arquiteta e Urbanista, Especialista em Gestão Urbana e Desenvolvimento Local, consultora, gestora de projetos e articuladora social com experiência com trabalhos formativos de Educação em Saúde pelo Instituto Peabiru e UNICEF. E-mail: doulascerne@gmail.com

⁴ Palavra para designar a atuação da profissional Doula durante o pré parto, o parto e pós parto, sendo inclusive reconhecida e estimulada pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde.

⁵ As Doulas atuam no sentido de favorecer uma experiência de parto respeitosa, dando apoio informacional, **CADERNOS PET, V. 16 , N. 31**

contribuição para a garantia de direitos humanos. Hoje, estamos em um novo momento político, com a criação do PL 3946/2021 da profissionalização, que está em análise na Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania, e ainda, a criação do Projeto da Política Nacional de Cuidados elaborado pelo atual governo Federal. Apresentamos, portanto, a partir de relatos de três Doulas, a doulação como Tecnologia Leve de Cuidados e seus Processos Insurgentes em Ativismo e Micropolíticas. Concluindo assim, a importância em estudarmos novas estratégias de garantia de direitos humanos, justiça reprodutiva e práticas de bem viver.

Palavras-chave: Gestar-parir-nascer; Maternidades; Tecnologias leves de cuidado; Interseccionalidade.

ABSTRACT

Faced with the countless challenges required when exercising our motherhood, women-mothers are placed on the margins of their rights, needing to fit into the molds dictated by a patriarchal and capitalist society, regarding the processes of gestation-giving birth-caring. This paper aims to analyze and reflect the dynamics of mothering as a political act, as well as the work carried out by Doulas in line with this dynamic and its intersectionality. We will seek to establish connections with Micropolitics and their Insurgent Practices, a concept that conceives the exercise and development of subjects' autonomy, always to analyze each knowledge, body and object, and its production of reality, based on power relations. Through Insurgent Practices, we will address doulação, a function that arises from a legitimacy that transcends the perception of the ways of gestating-giving birth-caring, highlighting how Doulas contribute to guaranteeing human rights. Today, we are in a new political moment, with the creation of PL 3946/2021 on professionalization, which is being analyzed by the Constitution, Justice and Citizenship Commission, and, the creation of the National Care Policy Project prepared by the current government Federal. We therefore present, based on reports from three Doulas, doulação as a Light Care Technology and its Insurgent Processes in Activism and Micropolitics. In conclusion, it is important to study new strategies to guarantee human rights, reproductive justice and good living practices.

Key-words: Gestation-parenthood-birth; Maternities; Light technologies of care; Intersectionality.

Depois que um corpo comporta outro corpo, nenhum coração suporta o pouco.

Alice Ruiz

MATERNIDADE: A REVOLUÇÃO

O direito de gestar, parir, nascer e cuidar colocou a dinâmica da maternidade no escopo de reflexões urgentes nos últimos tempos, principalmente do ponto de vista da Saúde Mental Materna. Porém, mesmo em frente a tais estudos, não é possível encontrar respostas eficazes frente às complexibilidades que tange o assunto. A maternidade surgem como um fenômeno demasiadamente paradoxal, sendo, portanto, necessário cada vez mais fornecer

físico e emocional no período gravídico puerperal. Seus suportes são providos pela Medicina Baseada em Evidências (MBE).

elementos que contribuam com sua real dinâmica, sendo necessário recorrer às pesquisas históricas e epistemológicas, bem como, ancestrais, capazes de dialogar com as tecnologias leves⁶ de cuidados, utilizada pelas Doulas por exemplo; profissionais estas que se inclinam para desenvolver um melhor e mais completo entendimento para este que é um momento peculiar que mulheres-mães há milênios atravessam.

O que de fato acontece, e que “Maternidade não corresponde a um acontecimento biológico, mas a uma vivência inscrita numa dinâmica sócio-histórica. Envolve prestação de cuidados, envolvimento afetivo em medidas variáveis”⁷. Este fenômeno não deveria nunca ser romantizado, partindo da premissa que, a *maternidade* tem relação com o ato de gestar e parir uma criança. Já a *maternagem* vem depois do ato de parir e está totalmente ligada ao ato de cuidar, de dar apoio ao desenvolvimento dessa criança que veio ao mundo. Portanto, do ponto de vista de uma mulher-mãe, independentemente de ser biológica, ou adotiva, de sua cultura, raça e/ou crença, ela traz em sua dinâmica uma vivência visceral, transformadora, e na sua maioria avassaladora.

Nós Doulas na perspectiva de auxiliar esta revolução nada fácil, somos profissionais que desenvolvemos um trabalho sob uma tétrade- *o gestar, parir, nascer e cuidar*. E sobre estes Ritos de Passagem⁸ desempenhamos um trabalho extremamente relevante não só para a área da Saúde, mas sim da Educação, Assistência e para agora a Política de Cuidado. E para abordamos a ação que a *doulagem* executa como *práticas insurgentes*, seguiremos analisando e refletindo a dinâmica da maternidade como *ato político*, e que também se desenvolve em essência na *insurreição*⁹. E para o que se refere aos estudos sobre processos Insurgentes e Ativismo Micropolíticos, Suely Rolnik, Filósofa e Escritora, contribui com seus estudos, definindo “Somos então tomados por uma urgência que convoca do desejo de agir”¹⁰. Segundo a autora:

⁶ Para tanto concebe-se, portanto, a dimensão de *tecnologias leves*, que são ações que estabelecem cuidado, o vínculo e o acolhimento. De acordo com Mehry (1997).

⁷ CORREIA, M. J., & Leal, I. (1989). Primiparidade tardia: Estudo exploratório. Revista Arquivos da Maternidade Dr. Alfredo da Costa. 1, 52-55.

⁸ Conceito desenvolvido por Arnold Van Gennep, que assume a aparência da passagem especial marcada entre nós por determinados ritos, batismo, ordenação, etc”. GENNEP, Arnold Van. Os Ritos de Passagem. Editora Vozes. 2013.

⁹ Ato ou efeito de insurgir(-se), de sublevar(-se) contra a ordem estabelecida.

¹⁰ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. Junho-2018, p.101.

Assim são as insurgências que vem irrompendo por toda parte e que tem introduzido estratégias nas quais o par direita/esquerda deixa de ser um operador suficiente para delinejar as forças em jogo e acertar os alvos do combate. São movimentos de insubordinação que têm surgido sobretudo nas gerações mais jovens (em especial nas periferias dos centros urbanos e, mais especialmente entre negros, mulheres e LGBTQI+), assim como nos povos indígenas e nas comunidades quilombolas). Ora, não será exatamente a presença dessa mudança de estratégia o que nos surpreende nesses novos movimentos insurrecionais?¹¹

E para melhor delinejar nossos estudos, se faz necessário percebermos a visão colonizadora que há sobre o matrenar, e que a partir da modernidade e sua narrativa ocidental, a mãe foi uma figura moldada por uma episteme eurocêntrica, onde a maternidade tradicional posiciona as mães como exclusivas do ambiente doméstico, “a identidade denominada “mãe” foi forjada a fim de estabelecer um elo estratégico entre o sexo feminino compreendido como biológico e a reprodução da força de trabalho”¹².

Outra ideia que emoldura a dinâmica da maternidade é atrelada ao sagrado, comparada ao princípio bíblico de Maria mãe de Jesus, símbolo de santidade, perfeição e do amor incondicional. Esta forma de percepção que a maioria da sociedade tem, de que a mãe é uma pessoa, que é capaz de gerar vida, parir essa vida e cuidar, se preciso for SOZINHA- de um ser humano, pois como diz o ditado popular “quem pariu, o “Mateus” mantém e o balance”, e como o próprio ditado, a maternidade há tempos vem sendo deturpada, pois segundo Bandinter¹³ (1992), “o amor maternal é algo infinitamente complexo e imperfeito; longe de ser instintivo é condicionado por múltiplos fatores, independentes da boa natureza ou boa vontade da mãe”¹⁴. Portanto, cada caso é um caso, e cada mãe carrega sua história pessoal, sendo a maternidade exercida pela oportunidade da gravidez, ou não, pois em todas nós, perpassa o desejo de ter ou não filhos biologicamente. Mais independente da dinâmica de cada mãe, ela dependerá de apoio, independente de seus fatores sociais, culturais e profissionais, cuidar de uma vida requererá uma quebra de paradigmas, para que a realização desta dinâmica aconteça de forma favorável para qualquer mulher-mãe.

¹¹ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. Junho-2018, p. 102.

¹² Cf. SOUZA, Luana Fontel. Maternidade e Universidade: Trajetórias Discursivas na Graduação. Livro Mães Cientistas Perspectivas e Desafios na Academia. São Paulo. FFLCH/USP PROLAM/USP, 2023, p. 281.

¹³ BADINTER, E. Identidade masculina. Porto: Ed. Asa. 1992.

¹⁴ CORREA, Maria de Jesus. Sobre Maternidade. Análise Psicológica. 1998, p. 366.

E essa a noção de maternidade que há muito tem sido construída e constituída em diversos campos, como histórico, cultural e científico, a qual considera em essência a máxima da vida feminina, pois “ser mulher” há muito tempo é definido a partir da redução ao seu papel reprodutivo, sendo este inclusive o esperado pela sociedade, como o tema central da vida de uma mulher. É de fundamental importância percebermos de que forma a ciência vem produzido e legitimando a maternidade ao longo da história, pois para as ciências é a maternidade que faz o gênero, e compreender a formação sócio histórica da maternidade é necessária para a decolonização do pensamento em torno desta dinâmica a qual mobiliza a humanidade; e no que tange a garantia dos direitos humanos, e a nova compreensão sobre o trabalho de cuidado.

Na perspectiva de contribuir, através do prisma das interseccionalidades temos o objetivo de apresentar e estudar a doulação e sua prática insurgente, na dimensão de revelar sua contribuição através de sua tecnologia leve para a política nacional de cuidado nos tempos atuais. As Doulas são trabalhadoras do cuidado em essência, e que há tempos vem militando e lutando de forma anti-hegemônica, anti-racista, anti-capacitista; e principalmente anti-misógino, pois, somente questionando e argumentando para que a sociedade compreenda que esta dinâmica vinculada a natureza do que seria “ser mãe”, não existe, e que quando desviamos a compreensão sobre isso, caímos no senso comum de uma lógica colonizadora e patriarcal, onde, automaticamente essa dinâmica se torna patológica, pois a mãe que não cuida de seu filho, é uma má mãe, consequentemente há algum problema nela. Porém, a pergunta que não quer calar é: Qual a mulher- mãe que consegue cuidar de um- dois, três filhos, sem ter como minimamente se cuidar, ou ser cuidada? Como o Estado e a Ciência vem intervindo sobre os corpos e mentes femininas de mulheres mães ao longo da história? E de que forma a doulação pode contribuir para a não reprodução deste modelo colonizador? Como desenvolver uma política de cuidado eficaz, onde o trabalho de cuidado possa ser distribuído? Porque se torna importante pesquisas que abordem o ato de maternar?

NASCE UMA MÃE, NASCE A CULPA!

Em outras culturas, há outras formas de constituição de maternidades, e para isso se faz necessário desenterrar nossas epistemes, escrevendo sobre nós mesmas, observando

por outra ótica a dinâmica do maternar, saindo das narrativas de dor e sofrimento, para apresentar as potencialidades que há nesta condição há qual aprendemos a transitar. Por exemplo, nas culturas africanas, importante herança cultural humana, a maternidade é considerada uma bênção, consagrando-lhe a mãe o papel de elo geracional, força vital, uma nobre condição de portal da vida e passagem sobre dois mundos, onde a maternidade e suas diversas qualidades tem expressão arquetípica dos orixás femininos. Ronilda Ribeiro em sua tese de doutoramento intitulada *Mãe Negra- O significado Iorubá da maternidade*, nos refere que “As representações universais da maternidade são de riqueza simbólica praticamente inegociável”¹⁵. Ou seja, na perspectiva ancestral a maternidade é vivenciada de forma coletiva, pois é vista como o mundo em seu eterno regenerar-se, apostando na maternidade como uma dinâmica de caráter positivo.

Já por outras narrativas, principalmente pelo olhar do colonizador, se a Eva comeu a maçã, pariria com dor, já estando, portanto, condenada a sentir o peso dessa culpa. Isso é o a séculos nos é enfiado goela abaixo, e o que nos cabe quando conseguimos desconstruir essas máximas colonizadoras, é olhar para o futuro, sem deixar de olhar para o passado, para deixamos de ser meramente o objeto, para nos colocarmos no lugar de sujeito, e decidimos “*nada sobre nós, sem nós*”; portanto, metodologicamente nossas investigações se delineia qualitativa em uma pesquisa-ação-participante, pois do ponto de vista ao qual estamos, onde somos mulheres mães e Doulas, dessa forma tornam-se muito importantes os fatores a serem considerados no momento de julgarmos a dinâmica da maternidade, pois o maternar associa-se às características individuais e da atmosfera cultural de cada pessoa que gesta.

No livro, *Mães um estudo antropológico da maternidade*, o estudo de Kitzinger (1978), amplia a discussão; a autora aponta que “o estilo de maternidade, é uma expressão da cultura e engloba um sistema de valores relacionados com o que é a mulher e, também como é o filho; as atitudes para com ela variam de acordo com as classes sociais¹⁶. Pesquisar sobre maternidades, gera uma infinidade de questões como bem já percebemos, principalmente pela sua diversidade no que tange sua dinâmica. Existem muitas formas de executar tão revolucionária função e ação, papel este que distribui encantamento, ao mesmo

¹⁵ RIBEIRO, Ronilda. *Mãe Negra, o significado Iorubá da Maternidade*. São Paulo, 1995, p. 3.

¹⁶ KITZINGER, S. (1978). *Mães. Um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Ed. Presença.

tempo que muita tensão, porque independente se é biológica, adotiva, ou afetiva, esta relação “mãe e filho”, atravessa as trincheiras sociais, culturais e espirituais, nesse processo árduo que formaliza e valida toda uma civilização, pois é notório que a sociedade não funciona sem as mães, ao mesmo tempo, que honrar isso não é nada fácil neste sistema em que vivemos, ao qual, estigmatiza este fenômeno, como sendo o único e até punitivo e interminável obrigação no que se refere a missão de cuidar.

A maternidade, entretanto, tem como pano de fundo a dinâmica da sociedade num certo momento, historicamente determinado. Inscreve-se por isso em padrões de cultura, nos quais, concepções como sejam as de infância, qualidade de vida, direitos e deveres dos cidadãos, têm uma importância primordial¹⁷.

“Parabéns, agora que você é mãe verá o que é nunca mais é estar inteira em um lugar”, este é um aviso que uma paciente recebe de uma amiga ao ganhar seu bebê, e texto que abre o início do quarto capítulo do livro, “A criação da criança- Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê”, o qual a psicanalista Julieta Jerusalinsky lança uma lupa sobre considerar a maternidade como uma experiência que pode vir a realizar a equação fálica para uma mulher, tal como Freud propõe, mas que, ao fazê-lo, antes de devolvê-la, reatualiza a condição feminina perante a castração¹⁸.

Quando por algum momento nos encontramos em um período desafiador da maternidade, e ao reclamar ou desabafar, um sentimento contrário à expectativa social da maternidade, mães são julgadas sem dó nem piedade, e isso é adoecedor, sem contar a exaustão, a privação de sono que desencadeia o cansaço físico e emocional, o burnout¹⁹; para o senso comum, isso faz parte do pacote de quando uma mulher decide exercer essa função/missão, e o que mais nos incomoda neste processo todo é que sempre será muito cômodo do ponto de vista do outro, que julga essa dinâmica como algo natural, obrigatório, e que requer, além da perfeição, o sacrifício de nossas partes.

Ao nos tornamos mães, inevitável ouvir fases do tipo: Ah! Mas é assim mesmo,

¹⁷ LEAL, I. (1990). Nota de abertura. *Análise Psicológica*, 8 (4), 365-366.

¹⁸ JERUSALINSKY, J. A criação da criança- Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador, BA: Ágalma. 2011, p. 151.

¹⁹ Conhecida como síndrome do esgotamento, pode ser caracterizada pelo estresse prolongado, relacionado não só aos cuidados maternos, mas pela forma e obrigação das mães ao exercerem múltiplas obrigações nesta fase da vida.

não tem jeito, ser mãe é padecer no paraíso, e mesmo assim, tens que amar incondicionalmente teu filho. Não!!! Mil vezes não, nós não queremos, não autorizamos esse massacre sobre nossas vidas e nossos corpos, vamos resistir, nem que para isso seja preciso dar um passo atrás, ou à frente, porque de uma coisa cada vez mais estamos tomando consciência “As mulheres são como água, crescem quando se juntam!”

MULHER-MÃE-AVÓ E DOULA- LUGAR DE FALA

Nestas breves reflexões a seguir, como Mulheres-mães, uma avó e todas Doulas, desejamos desenvolver nosso *lugar de fala*, e por uma perspectiva em Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, e escritora brasileira que sustenta o conceito, ao qual, favorece a participação de grupos que têm menos voz ativa nas decisões e rumos da sociedade, e que segundo a escritora, a hierarquia estrutural da sociedade faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes de grupos minoritários sejam tratadas de modo inferior, e que “Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva”²⁰.

Ao nos tornarmos mães e posteriormente Doulas, nossos posicionamentos se entrecruzam, e sobre esse formato de imposição, e até de silenciamento que desejamos refletir também. Pois tanto como mães, ou como Doulas precisamos nos munir de estudos e vivências as quais serão possíveis nossa real contribuição nesta prática de cuidado, para que este “castigo” de vivenciar uma maternidade/maternagem há qual somos colocadas como reféns por uma sociedade em que tudo se dá a partir do nome do pai, do filho e do espírito santo, possamos ressurgir e fazer valer outras formas de resistência.

Em síntese, nossas reflexões muito advêm do livro “Esfera da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada”, de Suely Rolnik, ao qual ela conceitua o processo *Insurgente e as micropolíticas* como “um foco invisível e inaudível que se situa na tensão entre o sujeito e o fora-do-sujeito”²¹.

As Doulas estão inseridas a muito tempo na história da humanidade, reivindicando

²⁰ RIBEIRO, D. O que é: Lugar de Fala? Belo Horizonte (MG); Letramento, 2017, p. 70.

²¹ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. Junho-2018, p. 123.

a validação de seu ofício, e nas trincheiras vem apontando o caminho para a decolonização do pensamento em relação ao fenômeno do parto e nascimento, pois hoje a condição de se estar em estado gravídico/puerperal, também é pensar na inclusão, de pessoas com útero, e que independente de questões de gênero, raça, ou religião, engravidar, gestar, parir e cuidar num sistema capitalista e principalmente patriarcal, trará à tona dados reais, onde ao longo da história, nossos corpos são violentados física e psicologicamente, onde umas das mais infelizes frases ecoam pelos corredores dos PPPs das enfermarias das instituições e maternidades, como: “não grita, porque quando fez não gritou”, “seu filho vai nascer surdo”, “agora tá aí chorando, ano que vem tá aqui de novo”, configurando uma das mais veladas violências, as obstétricas²² que mulheres mães passam ao adentrarem nesta esfera do maternar.

O ato de doular, de partejar, é mais antigo do que se imagina. Na mitologia romana, *Lucina* é considerada a deusa que envia auxílio às mulheres em trabalho de parto. Na mitologia grega, tem-se *Ilízia* como a deusa dos partos de gestantes, e que protegia as mães durante a gestação. Já para os povos indígenas, a gravidez e o parto, talvez sejam um dos mais emblemáticos momentos da civilização humana; para eles o fenômeno é recheado de crenças e rituais, muitos deles para Jaci, a Deusa da Lua. Segundo a pesquisadora Raquel Paiva Dias, que viveu a experiência de habitar na terra kquatá no Amazonas, realizou através de relatos das indígenas de etnia Munduruku sobre suas vivências com a gestação, parto e pós parto. Do ponto de vista da mulher indígena que gesta, está intrinsecamente conectada com a energia da Deusa da lua, porém não menos interligada com outra mulher indígena que encarnada em matéria lhe servirá de auxílio incondicionalmente importante, pois as mulheres Munduruku ao parirem na aldeia, contam com o apoio daquela que detém o dom de “pegar barriga”, as famosas parteiras, conhecedoras das ervas, chás, banhos e rezas²³.

Quando propomos cuidar de quem cuida, estamos propondo um maternar antirracista e decolonial, estamos olhando a partir desta perspectiva, para apresentar outras questões relacionadas a maternidade e seus desdobramentos, sendo ela portanto, o ancoramento de todos nossos saberes ancestrais, nosso conhecimento empírico e internos,

²² Conjunto de práticas contra a mulher/parturiente, ou pessoa que gesta; uma violência institucionalizada, e que foi declarada pela Organização Mundial de Saúde como uma violação aos Direitos Humanos.

²³ SCOPEL, Raquel Paiva Dias. A cosmopolítica da gestação, do parto e do pós-parto: autoatenção e medicalização entre os índios Munduruku. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018.

que são fundamentais para que os fluxos alcancem subsídios reais na garantia de direitos humanos, justiça social para a democracia brasileira.

Ao “doular-mos” temos a oportunidade de contribuir para um desfecho positivo de parto e nascimento, e para a construção de histórias positivas reais, onde a autonomia e o protagonismo dos corpos de mulheres mães e de pessoas com útero possam ser respeitados. Assim, passamos a nos deter também às dimensões epistêmicas, porém simbólicas, filosóficas, cognitivas, ancestrais, poéticas e espirituais, lançando perguntas as quais nos permitimos problematizar este assunto que por si só, nunca se esgota.

Nós Doulas, no contexto da saúde, somos consideradas uma tecnologia leve ao atuar no acolhimento e apoio com informações e cuidados para melhor viver o período gestacional; com técnicas não farmacológicas de alívio da dor no ato do trabalho de parto, com práticas de massagens, posicionamentos/movimentos para o corpo, auxílio e encaminhamentos importantes também no pós parto imediato, sendo assim, a Doula é uma profissional sob o olhar atento aos cuidadoso sem estar calcada na tecnocracia.

Defendemos, portanto, que se faz urgente repactuar as relações humanas na atualidade, repensando a centralidade do experienciar e da necessidade do cuidado ao longo das nossas vidas. Refletido que, “O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude.”²⁴, encontramos assim, eficazes conexões com outras teorias essenciais para dialogar com o campo das políticas do cuidado. Pois é na potência do cuidar, onde se encontra o tensionamento das diversas maternidades/maternagens, independente de cultura, crença, raça ou formato social. Pontos encruzilhados por nossas intencionalidades de mulheres-mães-doulas, portanto, identidade, gênero, classe, e a forma como isso impacta nossa relação com a sociedade e nosso acesso a direitos.

O futuro é ancestral, é nessa compreensão que cresce o desejo em falar cada vez mais neste assunto tão urgente e necessário para a manutenção de nossa sã consciência, o acesso e a democratização há saúde integral materna, para que sejamos autônomas em nossas escolhas, donas dos nossos corpos e com seguridades que nos oportunizam crescimento onde escolhemos ser e estar, pois enquanto escrevíamos este artigo, em meio às mil missões e demandas bem característicos *da maternagem*, entre costurar uma blusa

²⁴ BOFF, L. Saber cuidar. Ética do humano-compaião pela terra. 10º Edição. Ed. VOZES. 2004, p. 25.

para um filho, brincar com o outro, fazer o almoço, lanche da tarde, jantar da noite, lavar a louça, varrer a casa, escrever, estudar, cuidar, cuidar, cuidar; cuidar-se, esse se torna naturalmente o mote da proposta de pesquisa, cuidar disso, nutrir esse assunto, na busca em refletir eficazes encaminhamentos e execução de políticas públicas para as mulheres-mães.

*Honrar a nós mesmas,
amar nossos corpos,
é uma fase avançada na
construção de uma autoestima saudável.*
Bell Hooks

DOULAGEM: UMA PRÁTICA INSURGENTE

E para um melhor entendimento das práticas de cuidados realizado por nós Doulas, a qual podemos também chamá-la de *tecnologias leves ancestrais de cuidados*, e a qual pode impactar de forma positiva na construção da atual política nacional de cuidado, damos voz aos diversos tipos de maternidades, através de nossa militância política.

Para tanto concebe-se, portanto, a dimensão de *tecnologias leves*, que são ações que estabelecem cuidado, o vínculo e o acolhimento, o qual o ofício das Doulas realiza em potencial na área da saúde²⁵. De acordo com Mehry (1997), as tecnologias no âmbito da saúde podem ser divididas da seguinte maneira: leves, leve-duras e duras. As tecnologias leves são ferramentas que permitem a produção de relações entre o profissional-usuário mediante a escuta, o interesse, a gestão como forma de orientar processos, a construção de vínculos, confiança e de gerenciamento utilizados na busca da qualidade do cuidado prestado aos usuários.

As Doulas em potencial podem desenvolver seu trabalho também nas áreas da educação, saúde, assistência, e cuidado visando o bem estar, a autonomia e o empoderamento de pessoas que gestam e sua rede de apoio no ciclo gravídico puerperal, com isso, elas vem resistindo e restaurando práticas de cuidados ancestrais onde o corpo é

²⁵ MERHY, E.E. & FRANCO, T.B., Por uma Composição Técnica do Trabalho Centrada nas Tecnologias Leves e no Campo Relacional in Saúde em Debate, Ano XXVII, v.27, N. 65, Rio de Janeiro, Set/Dez de 2003.

livre e autônomo, e mais especificamente, sobre os princípios e as dimensões da *Doulagem*, sua prática, seu trabalho e contribuição enquanto *Práticas Insurgentes no âmbito das micropolíticas*, são estratégias eficazes para a garantia de justiça social.

Pois, *Doular* é um ato político que atravessa o sistema patriarcal de empenhada há desenvolver habilidades esquecidas, oprimidas e silenciadas, permitindo a liberdade e a autonomia de gestar, parir, nascer e cuidar como Direitos Humanos imprescindíveis e inegociáveis. Neste contexto, Suely Rolnik elucida em sua obra sete pontos aos quais escolhemos quatro para analisar, pois segundo a autora:

As insurreições desta esfera, sendo na micropolítica que, nesse momento, a vida nos impõem uma exigência maior de decifração de seus mecanismos e de refinamento dos modos de ação frente a eles, nosso maior desafio está em desenvolver ferramentas apropriadas ao trabalho implicado na descolonização dos inconscientes- matriz da resistência micropolítica.²⁶

A *doulagem*, como *prática Insurgente*, converge em quase todos os pontos analisados pela autora, porém são em alguns deles que se configura de forma contundente, como por exemplo:

No **terceiro- o que move seus agentes**: O que move os agentes da insurreição micropolíticas é a **vontade de perseveração da vida** que, nós humanos, manifestamos como impulso de “anunciar” mundos por vir, num processo de criação e experimentação que busca expressá-los.

No **quinto- critério de avaliação das situações (critério pulsional e sua ética)**: O critério para avaliar as situações na esfera micropolíticas é “pulsional”: **o que orienta nossas escolhas e ações nessa esfera é uma “bússola ética”**.

No **sextº- Modos de operação (por afirmação)**: É “por afirmação” que se opera a insurgência na esfera micropolítica: trata-se de um **“combate pela” vida em sua essência germinativa**.

No **sétimo- Modos de cooperação (via ressonância entre frequências de afetos para a construção do “comum”)**: É **pela construção do comum** que se coopera na

²⁶ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. Junho-2018, p. 123.

insurgência micropolítica, cujos agentes se aproximam “via ressonância intensiva” **que se dá entre frequências de afeto** (emoções vitais).

Encontramos na *doulagem* a dimensão e concepção de uma servir que nasce da flexibilidade de uma escuta ativa e consciente das pessoas em estado gravídico puerperal, ao qual legitima nossa profissionalização, pois são as Doulas responsáveis em agregar positivamente ao contexto multidisciplinar o que na real exige-se para humanizar o parto e nascimento, elas são as filhas do tempo, da terra, vieram seguindo os rastros das parteiras tradicionais, as quais abriram as matas e todos os caminhos.

Por isso tudo, podemos afirmar que a *doulagem*, é uma ação que transcende a percepção dos modos de *gestar, parir, nascer e cuidar*, espalhadas por todo o Brasil, e que vem contribuindo para o constructo de políticas públicas que sejam capazes de cercear o velamento da Violência Obstétrica sofrida por mulheres, e pessoas com útero e principalmente e alarmantemente sofridas por mulheres negras, periféricas e indígenas. Nesse sentido, destacamos a violência obstétrica, como um conjunto de práticas contra a mulher/parturiente, ou pessoa que gesta; uma violência institucionalizada, e que foi declarada pela Organização Mundial de Saúde como uma violação aos Direitos Humanos.

Neste sistema ao qual estamos inseridas, onde a carne mais barata e a carne preta, onde os corpos das mulheres são violentados das mais absurdas formas, onde o esquecimento, o silenciamento e o adormecimento imposto aos nossos corpos, pelo abuso de poder que tem como principal objetivo “o lucro”, e que a todo custo, desejam manter a ilusão de domínio e de poder sobre o corpo do outro, insiste em nos aprisionar, pois “nossos corpos foram mudado de figura com as transfigurações do regime ao longo dos cinco séculos que nos separam de sua origem”²⁷.

E para melhor compreensão das *Práticas Insurgentes*, realizadas pelas Doulas, é necessário discorrer sobre esta profissional que desenvolve seu trabalho pautado no apoio informacional, emocional e físico, para mulheres, e pessoas com útero no período gravídico puerperal. A Doula é uma profissional (com já citamos anteriormente) muito além da área da Saúde, ela é uma profissional também da Educação, Assistência e Cuidado. A palavra

²⁷ ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. N-1 Edições. Junho-2018, p. 32.

Doula tem sua origem no termo grego clássico (dule), mulher que serve. Na antiguidade grega a palavra passou a ser mais utilizada para designar criada ou escrava. Na contemporaneidade, o uso da palavra a afastou drasticamente de seu significado original, passando a designar as mulheres que atuavam sendo conhecidas como *assistentes de parto*. Já a utilização da palavra Doula no cenário acadêmico é atribuída à antropóloga e médica Dana Louise Raphael (1926-) em pesquisa realizada nas ilhas Filipinas, em 1977, ao referir-se às mulheres que ajudavam às novas mães durante a lactância e cuidados aos recém-nascidos.

Aqui no Brasil, também é possível observar que o uso da expressão Doula se refere às mulheres que atuam com apoio informacional, físico e emocional às parturientes, porém a etimologia da palavra deu origem as profissionais que também de alguma forma trabalham como terapeutas do feminino, e com isso hoje vamos encontrar, as doulas do luto, doulas da adoção, doulas da menarca e até doulas da menopausa.

Fomentamos, assim, a garantia de direitos humanos através de experiências mais positivas e respeitosas de gestações, partos, nascimentos, e cuidados. E para melhor difundir nossas investigações, análises e reflexões, apresentaremos a seguir um breve histórico sobre essa prática de cuidado que se alinha a doulagem, bem como, o relato de experiência de 3 Doulas que atuam de norte a sul do Brasil, e que vem na luta pela implementação de políticas públicas, e mais estudos sobre a quem se interessar por este escopo.

DE MÃE PARA DOULA- UM PROPÓSITO DE MUDANÇA

Ao decorrer destas linhas, será possível contemplar as experiências de três Doulas, e que literalmente estão de um extremo a outro do Brasil, duas no Norte e outra no Sul, todas são mães, sendo uma avó, profissionais, feministas, militantes e pesquisadoras, estando interligadas pela Federação de Doulas do Brasil, a FENADOULASBR; e que fazem parte da construção e organização das Associações de seus estados, Marluce Araújo da ADOUPA-Associação de Doulas do Pará, Thaissa Scerne da ADOUPA-Associação de Doulas do Pará- e Nátilia Fetter da FENADOULASBR e ADOSUL- Associação de Doulas do Rio Grande do Sul.

Nessa perspectiva, ambas alinham-se em muitas questões, justamente pela luta em comum, e que ao mesmo tempo com enfrentamentos distintos no que tange o avanço de políticas públicas de seus estados e regiões do Brasil. Hoje, bem mais perto de conquistas significativas, como o PL 3946/2021, que trata da regulamentação da profissão das Doulas, o qual vem sendo

aprovado no Senado Federal. Desde então tramita na Câmara dos Deputados, onde foi aprovado na Comissão de Direitos da Mulher em novembro de 2023, e em junho deste ano aprovado na Comissão de Saúde, e segue o fluxo pela profissionalização a qual já vem acontecendo há mais tempo, visto que em 2017 houve a primeira proposição de projeto de lei na Câmara, e nesse período o movimento de Doulas junto a Federação de Doulas do Brasil, tem buscado o diálogo tanto com o poder Legislativo quanto com o Executivo.

Marluce Araújo, é mãe de dois, Moisés de 12 anos e Ângelo de 7 anos, em Artes, e Mestra em Artes pelo PPGARTES/UFPA, Professora com Licenciatura em Teatro pela ETDUFPA, atriz formada pela Escola Estadual de Teatro Martins Pena/RJ, com Pós Graduação na Arte de Contar histórias- FCC, bem como, Educadora Popular da Escola Popular de Educação Socioambiental do CAC. Tornou-se Doula pelo Instituto Gama/SP. Hoje, é membro fundadora da ADOUPA- Associação de Doulas do Pará, no cargo de presidente na gestão 2023 e 2024. Formou-se como Doula em 2014, e a 10 anos vem contribuindo através da *Doulagem*, a qual reconhece como sua *Prática Insurgente*, e que se alinha com a chegada de sua maternidade em 2011 aos 32 anos com o nascimento de seu primogênito, e em 2016, e aos 36 anos, com o nascimento de seu caçula; ambos gerados e paridos através de partos naturais humanizados domiciliares, onde teve a oportunidade de contar com a presença de uma Doula.

Estes atravessamentos entre maternidade e *doulagem*, trazem consigo potencialidades ancestrais, aos quais ela foi buscar retomar com afincos na história das que lhe antecederam, pois tanto a avó materna Ana, como sua mãe Maria são mulheres ribeirinhas, nascidas na Vila Maiauatá em Igarapé Miri, município do Estado do Pará; sua avó foi uma mulher rezadeira das boas, detinha um saber empírico no cuidado com as pessoas e principalmente com as crianças, e através das ervas cuidou de todos da vizinhança e da família; já sua Mãe Maria, mulher que herdou de sua mãe fortemente a fé inabalável em Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do povo Paraense. Foram elas a fonte de inspiração ao se tornar mãe, considerando que seu *corpo foi convocado*- há viver essa revolução da forma mais consciente e ativa possível, pois a maternidade em sua maioria é uma experiência muito profunda e solitária, revirando-nas a vida do avesso. Portanto, foi desta herança ancestral, a qual lhe fortaleceu para então viver essa dinâmica de forma consciente, pois, “no ato de discernir, porque existe e não só se vive, se acha a raiz, atinge o ontem,

reconhece o hoje e descobre o amanhã”²⁸.

A vida materna, ao vivê-la nos deparamos com uma vulnerabilidade nunca experienciada; talvez este seja um assunto que não mobilize a todos de forma igual, porém ele move a sociedade como um todo. Pois, a experiência corporal/mental/espiritual que uma maternidade exige, mobiliza a necessidade de estudar, compreender o próprio corpo, sua fisiologia, sua ancestralidade, determinando as mães uma entrega para conseguir experienciar estes Ritos de Passagem *gestar/parir/nascer/cuidar* com protagonismo, inteireza e segurança. Portanto, foi ao receber os serviços e cuidados de uma Doula, aos quais foram essenciais e indispensáveis, que passou então a militar, engajando-se na causa do parto humanizado, tornando-se assim um propósito de vida, como uma parte que lhe cabe deste latifúndio em ser uma mulher amazônica, vivendo na região Norte do Brasil, reexistindo e buscando a liberdade e autonomia do corpo e da voz, e assim, também contribuir para o empoderamento de outras mulheres mães, considerando as diversas possibilidades em que o exercício de maternar está imerso, é por si só, é a ponta do iceberg. Lançar uma lupa sobre este assunto ao qual atravessou-lhe de forma contundente, trouxe a tona as memórias da revolução que a maternidade requer da vida, bem como, a relação com sua mãe Maria, e consequentemente com suas ancestrais, que não tiveram a mesma chance se emancipar, e assim, reivindicar o direito de decisão sobre suas vidas e seus corpos.

Nátilia Fetter, formada em administração (UNISINOS) com mestrado em Economia (UNISINOS). Doula desde 2016, coordenadora geral da ADOSUL por duas gestões (2017-2021), integrante do Conselho Fiscal atualmente (2021-2025). Hoje também, é Tesoureira da Federação Nacional de Doulas do Brasil (FENADOULASBR) na atual gestão (2021-2024), tendo sido do Conselho Fiscal (2019-2021). É embaixadora da Rede pela Humanização do Parto e Nascimento (ReHuNa) no Estado do Rio Grande do Sul desde 2022, e integra o Fórum Estadual de Mulheres do Estado. Vem ampliar a discussão, na perspectiva sobre desromantizar o parto, a mulher como apenas um corpo, bem como a Doula no combate a violência obstétrica, observando estes como caminhos ao qual pode-se garantir que as crianças sejam cuidadas quando em grande parte dos casos a mãe precisa parar de trabalhar ou se inserir em trabalhos não estáveis para dar conta dos cuidados diários com a família.

Ao longo da vida Nátilia sonhou com a maternidade e planejou ser mãe, podendo

²⁸ FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 41.

gestar e parir, tendo lindas experiências regadas de cuidado e amor. Sua primeira filha nasceu e com ela nasceram muitos questionamentos sobre a mãe enquanto ente e agente político no espaço social. Como acolher e cuidar de si e de outras mulheres enquanto todos esperam que a gente dê conta de tudo, mas não se dialoga sobre as dificuldades. A partir desta experiência pessoal, quando Betânia tinha 1 ano, fez sua formação de Doula, atuando um pouco e menos de 12 meses, já se viu grávida de Teresa. A chegada de Teresa num parto domiciliar planejado e regado de afetos lhe fez despertar para a dura realidade que poucas outras mulheres teriam o mesmo privilégio. E dali em diante se viu imersa em movimentos sociais de ativismo e luta pela garantia dos direitos das mulheres, em especial dos sexuais e reprodutivos. A experiência da primeira maternidade fez-lhe mudar o curso da caminhada profissional.

A segunda maternidade lhe despertou para a militância sobre o direito de parir com respeito. A chegada de um filho(a/e) muda a vida completamente, em especial no início de sua vida, com privação de sono, de autocuidados, esse trabalho não é contabilizado socialmente nem economicamente se pensarmos que a mulher-mãe está mantendo vivo o futuro da sociedade. Essa mesma sociedade negligencia a carga diária materna, perpetuando assim uma romantização do maternar. Mesmo tendo tido experiências maravilhosas no parir, se deparou com a maternidade real, e de não dar conta do dia-a-dia, sempre com a sensação de estar em dívida com alguém, fosse com suas filhas, com companheiro e até consigo mesmo. Quando estava cuidando das crianças não estava produzindo, quando estava trabalhando estava longe dos cuidados diários. A sociedade espera das mulheres-mães um resultado inatingível – não há tempo nem espaço para uma dedicação integral a tantas funções de forma satisfatória, que dirá produtiva.

A maternidade pode ser uma escolha e mesmo assim ser um caminho tortuoso de atravessamentos. A realidade é muito mais complexa, e é essencial reconhecer e compartilhar experiências que desmistificam essa idealização. A mudança de paradigma, de ser menos produtiva na visão capitalista da geração de renda para o cuidado de bebês e crianças, altera o padrão de renda e de possibilidades, relegando normalmente a mulher a uma condição de dependência financeira de outra pessoa, mas responsável pelo cuidado geral da casa e das crianças.

Thaissa Scerne, 49 anos, arquiteta e urbanista de formação acadêmica, pós

graduada na área das ciências sociais, há 20 anos ativista de direitos humanos com foco no direito de crianças e adolescentes. Entre os inúmeros trabalhos realizados na Amazônia de 2015 a 2023 estão os em parceria e/ou consultoria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência - UNICEF.

Nascida de um parto cesariano em 1975, este pago de forma parcelada pelo pai Paulo, na época graduando no curso de engenharia civil. Foi o pai, que ao lado de sua mãe Joana, também recém formada em engenharia agrônoma, lhes contavam que este seria o único homem na fila da mamadeira na maternidade. Já que naquele tempo, bebês nascidos de parto cesáreo não poderiam ser amamentados por suas mães tomarem antibióticos. Nascia ali, diante de todas essas violações de direitos, suas referências na luta pelos direitos iguais relacionados a gênero, pelo direito ao acesso gratuito à saúde pública e pelo anseio de fazer diferença em sua Região. Sua mãe, Joana, é bisneta de indígena da etnia aruã na Ilha do Marajó e foi mãe de mais duas meninas. Todos seus três partos cesarianos. Thaissa, primogênita, também tem em seus dois partos intervenções cesáreas e, suas duas irmãs igualmente operadas para terem seus filhos nos braços.

O formar de outra profissão, a profissão de Doula, enquanto um trabalho do cuidado veio no ano de 2022, quando sua trajetória de desenvolvimento profissional se confunde com seu próprio desenvolvimento pessoal, enquanto mulher de ancestralidade marajoara, mãe de um casal de jovens, Maria Luiza com 26 anos e João Paulo com 20 anos, ambos nascidos de partos com experiências pouco humanizadas.

Em março de 2022, sua filha primogênita de 26 anos recebeu a notícia de sua primeira gravidez e com a notícia veio um pedido: *“Mãe, eu preciso de você no meu parto!”* O pedido ficou em aberto até a primeira consulta com a ginecologista obstetra de parto humanizado. Nesse dia, fui informada sobre a forma de estar no parto, já que o acompanhante legal seria o pai da neta. A forma apresentada seria por meio de um curso de Doula que iria iniciar no mês de junho e finalizaria em outubro, um mês antes da data prevista para o nascimento da neta.

Foi assim, que a mulher amazônica, de ancestralidade marajoara, mãe, se percebeu uma avó militante pelo direito humanizado de nascer. Veio a decisão de se tornar Doula para militar pela democratização do acesso ao direito de todas as pessoas que gestam serem protagonistas do evento de gestar, parir e maternar.

Percebeu então, que a mãe, avó e doula se misturam na ação do trabalho de cuidar,

para além de amar e lutar em dose triplicada: Cuidado, amor e luta por tudo o que foi, o que está e o que há de ser. O ontem, o hoje e o amanhã brotando sem pesar e, apesar de todos os pesares vividos, na certeza de que há vidas sendo gestadas e sendo douladas dentro e fora da barriga. A certeza da existência de novas possibilidades, novas linhas, formas e cores recém conhecidas, reconhecidas, reverenciadas (da ancestralidade à posteridade), apreendidas, praticadas e apresentadas em forma de atuação profissional. Alicerçada em experiências, estudos e pesquisas com comprovação científica para o parto de sua filha, trazendo ao mundo sua neta e finalmente curando todas "as suas" que nasceram, pariram e maternaram

antes.

Pela filha e com a filha, ela se formou em Doula. Ao se tornar Doula, se torna avó, se firma e afirma enquanto mulher, mãe e ancestral das suas novas gerações. É fato que precisou ser doulada, por muitas mulheres em seu percurso até ser Doula, membro fundadora da ADOUPA e sentir a segurança afetiva dessa prática de informar, assistir e cuidar de outras mães. Uma atitude iniciada de forma abnegada as gerações futuras, partes suas, enquanto filha e neta, sendo douladas de uma só vez pela mãe, avó e doula.

Essa foi sua experiência no trabalho real de parto que inicia no "parir dos traumas" de um passado vivido e jamais esquecido. Na cura sendo verdade por meio da Arte de Doular que trouxe à tona novos signos, novos propósitos e novos desafios. Um início sem fim em si. Tudo sempre começou por ela, sua filha primogênita, e a sua Doulanda número 1. Assim, segue o ciclo da vida tomando proporções inimagináveis no relicário das melhores escolhas e mudanças, que traz na maternidade e maternagem, o lugar de suas maiores revoluções.

A Doulagem como um ato político no trabalho de educação em saúde e cuidado, ou enquanto ação e prática do valor humano, a se configurar como diretriz nos serviços públicos e privados de saúde, assistência e educação. Uma atitude de acesso às informações, ao cuidado e às prevenções de riscos e agravos da gestação ao puerpério, independente de questões étnoraciais, religiosas, identidade de gênero, culturais e sociais.

Ampliar a Educação Perinatal para além das pessoas gestantes assistidas, talvez tenha sido a principal lição a ser considerada nesses anos de estudo e experiências como doula. O serviço das doulas enquanto educadoras sociais traz mudanças capazes de transformar a ideia da obrigatoriedade hospitalar essencialmente tecnológica e científica,

em uma aproximação cada vez mais natural no retorno do gestar, parir e maternar em espaços mais próximos do aconchego domiciliar. Essa perspectiva tem movido anseios de militância por partos humanizados, ainda que o hospital seja uma escolha ou uma necessidade, é possível fazer desse espaço um lugar que se aproxime em arquitetura, relações interpessoais, respeito à naturalidade do ato de nascer.

Se as formas de nascer, estudos científicos socializados nos meios de aprendizado e informação/comunicação e as escolhas forem dadas, respeitadas e atendidas, teremos o parir e o nascer como desejamos garantidos. A pessoa que gesta não precisa ser amada pela equipe que a assiste ou compõe a assistência ao parto, mas precisa receber em cada decisão, cada ação a ela direcionada o respeito e a dignidade enquanto direto em sua condição humana. Dessa forma, podemos conseguir que cada pessoa seja capaz de ter seu parto de acordo com sua escolha de forma acolhedora e respeitosa. Assim, seremos parte, como Doulas, de um exército potente que tem como objetivo principal o de mudar o mundo e estamos mudando, a começar do nosso. Tal como afirmou Michel Odent, médico francês *“Para mudar o mundo, é preciso primeiro mudar a forma de nascer”*.

PRÁTICAS ANCESTRAIS DE CUIDADOS: UM DIREITO HUMANO DE JUSTIÇA SOCIAL

Para início de conversa, tratar sobre maternidades e práticas de cuidado, gostaríamos de iniciar com esta breve narrativa:

Certa vez, um aluno perguntou a sua Mestra, a antropóloga Margaret Mead, o que ela considerava ser o primeiro sinal de civilização humana em uma cultura? O aluno esperava que a antropóloga falasse em anzóis, panelas de barro, pedras de amolar. Mas não, Mead respondeu-lhe: - um fêmur com 15 mil anos encontrado numa escavação arqueológica. Esse é o primeiro sinal de civilização numa cultura antiga, que evidencia alguém com um fêmur (osso da perna) quebrado e cicatrizado.

Então Mead explicou, que na natureza, qualquer animal que parta uma perna está condenado, pois sendo um predador não consegue caçar, tornando-se uma presa fácil, pois não conseguirá fugir; e que no reino animal se você quebrar a perna corre perigo, e pode morrer, tornando-se carne fresca para os predadores. Nenhum animal sobreviveu a

uma perna quebrada por tempo suficiente para o osso sarar, e Mead continuou: “O fêmur encontrado estava partido, mas tinha cicatrizado. Este é um dos maiores ossos do corpo humano (liga a anca ao joelho) e demora seis semanas para curar. Um fêmur quebrado e cicatrizado é a evidência de que alguém empregou tempo para ficar com aquela pessoa, abrigou-a, alimentou-a e protegeu-a, ao invés de a abandoná-la à sua sorte, tratou a ferida, levou a pessoa com segurança e cuidou dela até se recuperar.

Ao ler esta narrativa, nos deparamos com o real sentido do Cuidar de alguém, pois é durante uma dificuldade e vulnerabilidade que a civilização começa; e através dos estudos desenvolvidos por Margaret Mead, que lutou pelos direitos das mulheres nos anos 50 e 60, podemos afirmar que o que nos distingue enquanto civilização é a empatia, a capacidade de nos preocuparmos com os outros.

E isso nos faz identificar na *doulagem*, e na sua sua *prática insurgente*, a tecnologia leve ancestral de cuidado, e sua eficaz contribuição para o Sistema Único de Saúde; por isso ser inegável, é que militamos, e estamos em processos intensos para que isso se realize em muitos estados do Brasil, onde as tecnologias de governos e suas políticas públicas nos chamem ao diálogo, nos ouçam e facilitem nossa real atuação. Acreditamos ser na restauração produtiva, que é a resultante de mudanças no modo de produzir o cuidado, geradas a partir de inovações nos sistemas produtivos da saúde, e que faz parte do Programa Saúde da Família, bem como, o campo da Saúde Coletiva, vemos como fortes inspirações na abertura de portas e caminhos, visto que neles congregam-se em torno de si os saberes de diversas áreas, estando portanto, mais abertos a incluir outros campos de saberes da análise institucional, que recentemente vem sendo incorporado ao campo de debate em torno da saúde (L'abbate, 2003). Pois como bem exemplifica Merhy e Franco:

Historicamente a formação do modelo assistencial para a saúde, esteve centrado nas tecnologias duras e leve-duras, visto que, aquele se deu a partir de interesses corporativos, especialmente dos grupos econômicos que atuam na saúde. No plano da organização micropolítica do trabalho em saúde, este modelo produziu uma organização do trabalho com fluxo voltado à consulta médica, onde o saber médico estrutura o trabalho de outros profissionais, ficando a produção do cuidado dependente de tecnologias duras e leve-duras²⁹.

²⁹ MERHY, E.E. & FRANCO, T.B., Por uma Composição Técnica do Trabalho Centrada nas Tecnologias Leves e no Campo Relacional in Saúde em Debate, Ano XXVII, v.27, N. 65, Rio de Janeiro, Set/Dez de 2003.
CADERNOS PET, V. 16 , N. 31

Nos apegamos portanto, as reflexões sobre as possíveis contribuições que a *Doulagem como prática insurgente* pode dialogar para evidenciar a validação dos Direitos humanos, pois viver e maternar é um ato político e que como diz Paulo Freire “este é um dos direitos centrais do chamado bicho gente, é o direito de repousar, pensar, se perguntar, caminhar, o direito da solidão, o direito da comunhão, o direito de estar com, o direito de estar contra; o direito de brigar, falar, ler, escrever, o direito de sonhar, o direito de amar”³⁰.

Neste lugar de olhar para esta ferida aberta, a qual parece que sempre estamos órfãos de pai e mãe, nos incentiva a ação de esperançar para alcançar nosso objetivo maior, *Doulas para todas, Doulas no SUS, e Doula a quem doer!* pois já estivemos mais longe, e hoje com o atual cenário político mais favorável a nós, mulheres, mães, pessoas com útero, e toda sociedade que de alguma forma é atravessado pela dinâmica da maternidade, precisam acreditar que algo acontecerá, e para melhor, assim esperamos, e almejamos alcançar, seja através de nossas idas e vindas, batidas nas portas, nas mesas, nos corredores, não podemos nos fazer de rogadas quando o assunto é políticas e para práticas de cuidado efetivas. Pois como explica Merhy (2003), são através delas, da circulação destas práticas de cuidados, que serão possíveis o ajuste das relações de poder que constituem parte considerável da experiência individual e dos contatos com a “malha institucional”, e que marcam e demarcam a vida cotidiana.

No âmbito da reforma sanitária brasileira por exemplo, nos primórdios da construção do Sistema Único de Saúde (SUS), nas décadas de 70 e 80, o modelo assistencial, entendido como a forma de organização da assistência, organizou-se para a distribuição dos serviços de saúde, de forma estruturada e hierarquizada, organizando uma intervenção sobre o território. Neste cenário, o debate se organizava muito em torno da oferta e demanda por serviços, com um processo de trabalho que operava centrado no conhecimento da vigilância à saúde, instrumentalizada pela epidemiologia, e com pouca intervenção sobre as práticas desenvolvidas no campo da clínica³¹.

³⁰ FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

³¹ MERHY, E.E. & FRANCO, T.B., Por uma Composição Técnica do Trabalho Centrada nas Tecnologias Leves e no Campo Relacional in Saúde em Debate, Ano XXVII, v.27, N. 65, Rio de Janeiro, Set/Dez de 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dando os devidos encaminhamentos finais, nos perguntamos: como poderemos avançar? Quais os pilares de conduta daqui pra frente? Nós ousamos até responder, pois, essa é nossa causa, portanto, resistir e expandir a discussão para a validação que fará com que o diálogo se faça eficaz.

Humanizar o humano, parece redundante, mas essa talvez seja a palavra de ordem hoje, pois nunca se faz tão urgente nossa militância, para nós profissionais Doulas que ainda no Brasil está classificada como uma Ocupação, nossas práticas de cuidado estão atreladas às tecnologias leves de cuidado de forma direta e acentuada. Pois ao tratarmos sobre parto e nascimento nós estaremos imbricadas as instituições, e estas por sua vez sendo hora favoráveis a nossa atuação, horas (e na maioria delas) um entrave para realizarmos nosso trabalho, e assim, formando aquilo que chamou o filósofo Michel Foucault (2008) de uma “arte de governar”, no sentido de sua raiz etimológica de “técnicas de governo”, por não se atualizarem, atrapalham o desenvolvimento positivo sobre Direitos Humanos e Justiça Reprodutiva, em caihnos férteis para Justiça Social e equidade racial e de gênero. Isso não significa que tudo vá acontecer exatamente como prevemos e desejamos, já que a interface entre as agências das tecnologias e dos sujeitos governados é conflitiva e ao mesmo tempo relacional, ou seja, construída de forma conjunta e articulada em meio a negociações e disputas sobre os objetivos e as maneiras de se governar.

Com estas proposições, estaremos rompendo com princípios opressores de nossos *corpos*, numa desconstrução e transgressão de um sistema que ainda não conseguiu compreender por completo os desdobramentos da maternidade, bem como, de como a *doulagem* atua, seus aspectos metodológicos sistematizados, capazes de ativar os saberes que já estão no corpo, pautados numa educação pela lembrança e pela memória que é ancestral, portanto maternal. Pois, ao longos destes anos fomos observando estas dinâmicas na busca por comprovar que são essas práticas em essência realizadas pelas Doulas, e sua aplicabilidade, o incentivo a uma sociedade que sonha em ser livre, mais que também luta e realiza, pois desempenhar maternidades imbuídas de práticas de cuidados dignas, pautadas e subsidiadas pelas esferas de governo não é algo muitas vezes palpável, contudo, seguimos numa crescente corrente de gestar/parir/nascer/cuidar e viver em plenitude, na garantia de

autonomia e direitos humanos inegociáveis.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **Identidade masculina**. Porto: Ed. Asa. 1992.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno**. Ed. Nova Fronteira. S/A. 1985.
- BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do humano-compaião pela terra**. 10º Edição. Ed. VOZES. 2004.
- CORREIA, M. J., & Leal, I. (1989). Primiparidade tardia: Estudo exploratório. **Revista Arquivos da Maternidade Dr. Alfredo da Costa**. 1, 52-55.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Robert Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem**. Editora Vozes. 2013.
- JERUSALINSKY, J. **A criação da criança- Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê**. Salvador, BA: Ágalma. 2011.
- KITZINGER, S. (1978). Mães. **Um estudo antropológico da maternidade**. Lisboa: Ed. Presença.
- LEAL, I. (1990). Nota de abertura. Gravidez e Maternidade. **Análise Psicológica**, 8 (4), 365-366.
- MERHY, E.E. & FRANCO, T.B., Por uma Composição Técnica do Trabalho Centrada nas Tecnologias Leves e no Campo Relacional in **Saúde em Debate**, Ano XXVII, v.27, N. 65, Rio de Janeiro, Set/Dez de 2003.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO**. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaHistoricoOcupacoes.jsf>. Acesso em: janeiro de 2024.
- MINISTÉRIO DAS MULHERES**. Edital de Chamamento Público nº 02/2023. <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/acesso-a-informacao/editais-1/editais-neg-1-2023-selecao-de-organizacoes-da-sociedade-civil-para-execucao-de-projetos-de-formacao-com-mulheres-em-autonomia-economica-e-cuidado/edital-de-chamamento-publico-neg-22023-formacao-com-mulheres-autonomia-economica-e-cuidado.pdf>
- MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de & ARAUJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 24, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso: 25 jun de 2019.
- RIBEIRO, D. **O que é: Lugar de Fala?**. Belo Horizonte (MG); Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Ronilda. **Mãe Negra- o significado iorubá da maternidade**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1995.
- ROLNIK, Suely. **Esferras da Inssureição: Notas para uma vida não cafetinada**. N-1 Edições. Junho-2018.
- SCOPEL, Raquel Paiva Dias. **A cosmopolítica da gestação, do parto e do pós- parto: autoatenção e medicalização entre os índios Munduruku**. Editora Fio Cruz. 2018.
- SILVA, Marluce Cristina Aráujo Silva. **Doular a voz que conta: uma fenomenologia da voz como performance**. Dissertação de Mestrado. PPGARTES/UFPA. 2022. https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/14215/1/Dissertacao_DoularVozConta.pdf.
- SOUZA, Luana Fontel. **Maternidade e Universidade: Trajetórias Discursivas na CADERNOS PET**, V. 16, N. 31



Graduação. Livro Mães Cientistas Perspectivas e Desafios na Academia. São Paulo. FFLCH/USP PROLAM/USP, 2023.